

Os Agregados: Uma Tipologia ao Fim do Período Colonial (1780-1830)

ENI DE MESQUITA SAMARA*

Introdução

A finalidade deste nosso trabalho é caracterizar mais nitidamente a sociedade paulista de fins do século XVIII e início do XIX. É nossa intenção mostrar as evidências da complexidade social no Brasil, durante o período colonial, por meio do estudo de uma das camadas que faziam parte da sociedade nessa época.

Dentre as categorias componentes da estrutura social na Colônia, escolhemos, como forma de penetrar o problema, a dos agregados — grupo heterogêneo e sem posição definida no quadro econômico-social. Um tratamento tipológico dessa camada permite, portanto, perceber a existência de categorias distintas dentro de um mesmo estrato social e as diferentes formas de articulação com o sistema. Tomamos dois pontos básicos para a realização deste trabalho: as condições que favoreceram a constituição desses elementos como categoria social e

as funções que exerciam em relação às necessidades gerais do organismo de que faziam parte.

Como apoio, consideramos os recenseamentos de população referentes a Itu⁽¹⁾ de 1773 e 1830 que, entre outras informações, nos fornecem dados sobre as relações de trabalho dos agregados⁽²⁾ e nos permitem inferir, em muitos casos, suas relações de caráter pessoal.

Em resumo, pretendemos projetar, dentro de um contexto histórico — no caso específico a vila de Itu de 1780 a 1830 —, as características e as formas que pode assumir uma camada social.

(1) DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Maços de População de Itu (MSS) latas 71 a 79.

(2) As informações podem ser coletadas para cada fogo, não se atendo, exceto em alguns casos, à atividade específica de cada indivíduo, o que dificulta a avaliação da real força de trabalho em Itu.

* Da FFLCH/USP.

A Constituição do Agregado como Categoria Social

No Brasil, desde o início da colonização as condições locais favoreceram o estabelecimento de uma estrutura econômica de base agrária, latifundiária e escravocrata. Esta situação, associada a vários fatores como a descentralização administrativa, excessiva concentração fundiária e acentuada dispersão populacional, provocou a instalação de uma sociedade do tipo paternalista, na qual as relações de caráter pessoal assumiam vital importância.

Tal modelo deu origem a uma formação *sui generis* de homens livres e sem propriedade, não integrados na produção mercantil propriamente dita, mas que mantinham ligações com o sistema, contribuindo em parte para a sustentação do mesmo. Os agregados, que compunham um dos setores desse grupo, aparecem como fenômeno de ocorrência generalizada durante toda a fase colonial da história brasileira⁽³⁾, sendo também encontrados nas áreas de lavoura canavieira em São Paulo, no final do século XVIII e início do XIX.

Saint-Hilaire os define como "indivíduos que nada possuem de seu e que se estabelecem em terreno de outrem" a viverem em estado bastante precário, mal vestidos, indolentes e embrutecidos pela falta de convivência com seus semelhantes⁽⁴⁾. Na realidade, essa descrição, proveniente da experiência do viajante com um grupo de agregados que habitava uma fazenda em Minas Gerais, serve apenas para caracterizar uma par-

te do grupo, posto que este assumia diferentes posições na periferia da família patriarcal. Tanto podiam ser considerados agregados os parentes (filhas ou filhos casados ou viúvos, genros, mães etc.) como amigos e estranhos que vinham congregarse ao grupo familiar. O que caracteriza esses elementos (se procurarmos um ponto em comum) é o fato de não possuírem qualquer porção de terra ou casa própria na vila, tendo portanto de ajustarem-se aos proprietários nas áreas rurais ou urbanas, por meio dos mais diferentes tipos de relações.

A constituição dos agregados como "categoria social" está vinculada, para a maior parte dos estudiosos, à excessiva concentração fundiária, que possibilitou e condicionou a existência de homens destituídos da propriedade e dos meios de produção⁽⁵⁾. Lucilla Hermann os considera como "trabalhadores rurais aos quais o proprietário cede, em geral a título gratuito e em troca apenas de vassalagem e prestação de serviços, uma parte inaproveitada do domínio"⁽⁶⁾. Condestes na vila (a este respeito ver tabela da número de agregados que encontramos na região de Itu indicam a maior frequência destes na vila (a este respeito ver tabela da Distribuição Espacial dos Agregados).

Na medida em que o tamanho das propriedades ultrapassava as necessidades de produção e as possibilidades de crescimento face à demanda do mercado, havia a possibilidade de introduzir os agregados nas terras excedentes ou subutilizadas. Provavelmente, quando não havia essa possibilidade os agregados dirigiam-se à vila, onde passavam a morar com as famílias locais, ajudando

(3) No Nordeste aparecem, pelo menos, desde o Brasil Holandês, segundo consta em relatório de A. van der Dussen sobre as Capitanias do Nordeste, extraído de NEME, Mário. *Fórmulas Políticas no Brasil Holandês*. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1971.

(4) SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de São Paulo e resumos das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguay*. São Paulo. Martins, 1972, p. 95.

(5) FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros, 1969, p. 95.

(6) HERMANN, Lucilla. Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num período de 300 anos. *Revista de Administração*. Instituto de Administração da USP, 1948, p. 6.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NA VILA DE ITU

Ano	Fogos	População	Livres	Escravos	Agregados	Fogos
1773	255	2211	1079	908	222	0
1785	432	2951	1940	741	269	0
1792	1317	9410	5284	3256	823	40
1798	894	7161	3439	3243	398	82
1803	1008	9411	3927	4982	494	7
1809	1095	9566	4333	4647	585	0
1813	857	5674	2986	2296	388	4
1818	1072	8906	3748	4783	370	5
1822	1052	9150	3768	5014	367	1
1829	1041	8577	3591	4639	343	1

Fonte: DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Maços de População (MSS), latas 71-79.

nas pequenas lavouras⁽⁷⁾ e nos diversos tipos de ofícios urbanos. Isto significa que não só como "morador em terra alheia" os agregados configuravam-se como categoria social.

Esse fenômeno pode ser explicado, em parte, pela intensa penetração de mão-de-obra escrava destinada a suprir a demanda das grandes fazendas, o que relegava a mão-de-obra livre a segundo plano. Por outro lado, o relativo crescimento do núcleo urbano, provocando a diversificação e ampliação de serviços, deve ter funcionado como fonte de absorção desses elementos. Exemplo desta afirmativa é o fato de que nas Chácaras (bairro onde se localizavam grandes propriedades canavieiras), para 1798 não computamos algum agregado e os escravos chegavam a 83,20%, enquanto que na rua do Ouvidor, nesse mesmo ano, 32,14% eram agregados e 10,71% escravos. Os índices que levantamos para os demais bairros e ruas da Paróquia da Vila de Itu seguem praticamente esta mesma freqüência, mas não excluem totalmente os agregados das áreas rurais, como no exemplo referido acima.

A própria estrutura e organização da sociedade escravocrata favoreceu, portanto, a

(7) Na vila de Itu, encontramos pequenas lavouras na área urbana.

existência de uma camada flutuante na população⁽⁸⁾, em consequência da excessiva concentração fundiária e das dificuldades de colocação, já que muitas das atividades estavam entregues aos escravos, ou na falta destes eram exercidas pelos próprios membros

TABELA COMPARATIVA DO NÚMERO DE AGREGADOS EM RELAÇÃO AO NÚMERO TOTAL DE FOGOS

Ano	Total de Fogos	Fogos com Agregados	
1773	255	62	24%
1785	432	321	52%
1798	894	188	21%
1803	1008	237	23%
1809	1095	286	26%
1813	857	193	22%
1818	1072	166	15%
1822	1052	184	17%
1829	1041	181	17%

Fonte: DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Maços de População de Itu (MSS), latas 71-79

(8) O que é bastante natural num tipo de sociedade em que não havia especialização do trabalho e no qual as opções de serviços eram muito limitadas pelo tipo de economia.

DISTRIBUIÇÃO DOS AGREGADOS QUANTO AO SEXO

		1773	1785	1792	1798	1803	1818	1822	1829
Homens	n.º	97	87	271	126	162	109	120	130
	%	43,7	32,8	33,0	31,8	32,8	29,5	32,7	37,9
Mulheres	n.º	107	152	458	268	325	196	238	203
	%	48,2	56,1	55,5	67,2	65,8	53	65,9	59,2
Não Identificado	n.º	18	30	94	4	7	65	9	10
	%	8,1	11,1	11,5	1	1,4	17,5	2,4	2,9

Fonte: DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Maços de População de Itu (MSS), latas 71-79

das famílias⁽⁹⁾. Os agregados, nesse contexto, apesar de não chegarem a representar uma parcela significativa da população (principalmente se comparados ao número de escravos), são persistentes no campo e na vila, junto às diversas camadas sociais, assumindo no quadro sócio-econômico uma dimensão bastante peculiar (a esse respeito ver as tabelas estatísticas apresentadas.

As Funções do Agregado na Estrutura Sócio-Econômica

A VIDA ECONÔMICA EM ITU (1773-1830)

No período de 1773 a 1830, o açúcar representava a base econômica da região de Itu e grande parte da população tinha suas atividades vinculadas à produção e comércio desse produto. Paralelamente, encontramos outros tipos de serviços, decorrentes ou não da agricultura comercial, que mostram a existência de uma nítida camada de feição urbana, apesar de o grupo mais numeroso estar sempre representado pelas pessoas ligadas à agricultura (lavradores, chacareiros, roceiros, fazendeiros, plantadores de cana ou de mantimentos e senhores de

engenho). Em 1776, dentre o total de habitantes, encontramos 2 mercadores de pequena loja, 7 com lojas de fazenda seca, 25 donos de engenho de açúcar, 2 ferreiros, 11 carpinteiros, 9 sapateiros, 8 alfaiates, 5 laticeiros, 3 taverneiros e "os mais lavradores(...)"⁽¹⁰⁾.

As ocupações subsidiárias, apesar de modestas se comparadas à lavoura canavieira, desempenhavam uma importante função no incipiente comércio local⁽¹¹⁾

Devido à própria estrutura econômica⁽¹²⁾, a maior parte dos habitantes tinha mais de uma ocupação, além da tradicional cultura de mantimentos, que compreendia geralmente o milho, o feijão, o arroz e a mandioca, utilizados nos gastos da casa e com alguns excedentes comercializáveis. A agricultura

(9) Em Itu, muitas famílias não tinham escravos ou agregados e trabalhavam para seu próprio sustento.

(10) DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Maços de População de Itu, Resumo Final do ano de 1776 (MSS), lata 71.

(11) Levantamos mais de 100 tipos diferentes de ocupações, fato surpreendente num tipo de sociedade latifundiária e escravocrata.

(12) A falta de especialização tornava praticamente imperativa a existência de mais de uma atividade, pois não havia ainda um campo específico de trabalho e o rendimento de uma só atividade, de forma geral, não era suficiente para o sustento da casa.

de subsistência era portanto praticada como atividade subsidiária não só pelos fazendeiros e lavradores, que reservavam uma parte do terreno para essa produção, mas também por pequenos proprietários e famílias que não se dedicavam especificamente à agricultura⁽¹³⁾. Outros grupos, geralmente os de menos posses, baseavam sua principal fonte de renda nesta atividade.

Apesar da generalização desse tipo de agricultura em Itu, o que pressupõe o abastecimento da família por sua própria produção, muitos dos sitiantes dirigiam-se à vila para efetuar a troca ou venda de seus produtos. Um exemplo disto está no grau de diversificação dos serviços, assim como no intenso movimento nos locais de comércio, onde funcionavam açougues e mercearias, constantemente atravancados de sitiantes, vendedores ambulantes, quitandeiros e tropeiros⁽¹⁴⁾.

Fumo, café, amendoim e algodão também eram cultivados pelos moradores locais, com excedentes comercializáveis. O algodão servia para a confecção de vestimentas da família e para venda na vila, onde floresciam em número as tecelãs, rendeiras, costureiras e fiandeiras. Como observa Daniel Pedro Muller⁽¹⁵⁾, muitas das povoações paulistas tinham teares, nos quais os moradores teciam pano de algodão grosso que servia para o vestuário dos escravos e também para ensacar açúcar, café e arroz.

Os registros contidos nos *Mapas de Produção, Consumo, Importação e Exportação*

(13) Tais como habitantes da vila: alfaiates, costureiras etc.

(14) NARDY, Francisco Filho. *A cidade de Itu*. São Paulo. Escolas Profissionais Salesianas, 1928-51, p. 233.

(15) MULLER, Daniel Pedro. *Ensaio d'um Quadro Estatístico de Províncias de São Paulo (ordenado pelas Leis Provinciais de 11 de Abril de 1836 e 10 de março de 1837)*. São Paulo. Typographia da Costa Silveira, 1838, p. 37.

dos produtos da Vila de Itu⁽¹⁶⁾, denotam a existência de intercâmbio regular de mercadorias, ocasionando certa persistência de atividade comercial e de abastecimento dos moradores. Era na vila que se encontravam os artigos provenientes da Europa e era para lá que os agricultores levavam os produtos de seus sítios e fazendas. A fim de satisfazer o consumo local, vinham de Lisboa e Porto vários gêneros e manufaturas: vinhos, panos de linho, lã e algodão, chapéus, meias de seda, tecidos de seda e sal⁽¹⁷⁾. Estas importações representavam uma contradição básica entre o nível de riqueza da maior parte da população e os gêneros adquiridos⁽¹⁸⁾.

Tal situação estava condicionada por valores sociais estabelecidos, que ligavam a vestimenta ao prestígio social, provocando portanto, apesar dos pequenos rendimentos, a demanda de artigos manufaturados importados. "O luxo dos vestidos" escrevia Morgado de Mateus "é desigual a possibilidade dessa gente (...) nesta terra as mulheres não ganham uma pataca, custam os sapatos 4\$800, e para cima trazem-nas todas vestidas da melhor seda (...)"⁽¹⁹⁾. Os antigos ituanos, tanto homens como mulheres, vestiam-se bem e não faziam economias com a indumentária; isto pode ser comprovado pelo número de alfaiates e costureiras que faziam bons negócios⁽²⁰⁾.

Das ocupações mencionadas viviam muitos moradores de Itu e inclusive agregados,

(16) DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Mapas contidos nos resumos finais de cada censo de população referente à Paróquia da Vila de Itu (MSS)*.

(17) *Idem*.

(18) A esse respeito ver CANABRAVA, Alice P. Uma economia de decadência: os níveis de riqueza na Capitania de São Paulo, 1765/67. *Revista Brasileira de Economia*, 26, outubro/dezembro 1972.

(19) São numerosos os depoimentos de Morgado de Mateus sobre o luxo e ociosidade dos paulistas, apud CANABRAVA, Alice P., *op. cit.*, p. 119.

(20) NARDY, Francisco Filho. *op. cit.*, p. 230.

COMUNICAÇÃO

mas em muitas casas esse ofício não era a única atividade, indicando que, apesar de ser um bom negócio, nem sempre era suficiente para a manutenção da família. A acumulação de atividades, por sua vez, nem sempre seguia uma seqüência lógica: lavradores e senhores de engenho eram também tropeiros; vendeiras muitas vezes teciam pano. Tal complexidade leva-nos a concluir que nem sempre eram estas atividades exercidas por uma só pessoa, sendo, para tanto, utilizados escravos, agregados ou então outros membros da família.

A obrigatoriedade da participação no serviço militar faz elevar a representação do trabalho a uma freqüência ilusória, já que na realidade eram raras as pessoas que viviam de seus soldos e a maior parte dos componentes do corpo militar vivia de rendas provenientes de outros serviços ou de propriedades.

Nessa estrutura econômico-social, o agregado encontrava muitas vezes dificuldades de integração, permanecendo mais ou menos na periferia do sistema global, sem que fossem, entretanto, marginalizados. Sua adequação provinha tanto de vínculos ocupacionais — mantidos de forma duradoura ou esporádica, junto aos diversos setores econômicos — como de ajustamentos de caráter pessoal junto a amigos, protetores ou parentes.

Suas possibilidades de colocação iam desde o ajuste a uma unidade agrária até a procura da vila, onde eram aproveitados nos mais diferentes tipos de serviços, na maior parte das vezes não especializados. Essa situação implicava, portanto, diferentes formas de articulação dentro do sistema, fato que distinguia os agregados entre si.

OS AGREGADOS: UMA TIPOLOGIA

Verificamos do exposto que no decurso dos séculos XVIII (segunda metade) e XIX, persistiram em Itu, conjuntamente, as economias de subsistência e de mercado e as

correlatas formações sociais. Conviveram sin-cronicamente, portanto, grandes e pequenos proprietários⁽²¹⁾, lavradores, moradores da vila com ofícios diversos, tropeiros, camaradas, escravos e agregados; enfim, uma série bastante complexa que formava a estrutura da sociedade da época. Cada uma dessas categorias, representando uma parte do quadro econômico, desempenhava uma função específica, por meio da qual estavam vinculadas e se definiam dentro do sistema.

A própria estrutura e natureza da sociedade, não obstante, forçada pela baixa produtividade de grande parcela da população e pela ausência completa de uma regulamentação de trabalho, condicionou o grupo de agregados a existir como camada flutuante e bastante complexa. Tanto podiam ser componentes da mesma elementos bem situados socialmente ou com uma atividade mais específica (negociantes, cirurgiões, boticários etc.) como homens livres e pobres, que se deslocavam com freqüência em busca de trabalho e de abrigo ou então viviam de esmolas e da proteção dos mais fortes, com os quais mantinham laços de dependência.

As evidências que tomamos para a análise tipológica desse grupo baseiam-se principalmente nas relações de trabalho (diferentes serviços a que se dedicavam) e nos vínculos de caráter pessoal, que conjuntamente nos permitem perceber as configurações que o grupo podia assumir no contexto social.

Como os dados que computamos a partir dos Censos de População⁽²²⁾ indicam sempre um número superior de agregados, vamos fazer uma distinção inicial entre as funções dos homens e das mulheres. Isto

(21) Englobamos nesta categoria: roceiros, pequenos sitiantes, chacareiros, plantadores de pouca renda, pequenos fazendeiros etc.

(22) DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Maços de População de Itu (MSS), latas 71 a 79.

não significa que estas representassem uma força maior de trabalho, apesar de mais numerosas.

O fato não escapa à regra geral para a Capitania de São Paulo, onde os recenseamentos, iniciados na segunda metade do século XVIII, revelam bem maior número de mulheres do que de homens, o que se explica, em parte, pela mobilidade dos mesmos em busca de meio de vida no comércio com outras áreas nas tropas de mulas⁽²³⁾.

Os registros contidos na tabela seguinte demonstram que o número de mulheres crescia em maior proporção que o de homens: no período de 1798 a 1829, as agregadas representavam cerca de 60% do total do grupo e a participação dos homens permaneceu em torno de 30%.

Estas geralmente se prestavam a serviços domésticos (empregadas, dependentes, crias da casa, damas de companhia de senhoras ricas) ou então viviam com as rendeiras, fiandeiras, louçadeiras e costureiras da vila, ajudando nos serviços e aprendendo o ofício. Em muitos casos, sua ocupação servia para seu sustento e de seus filhos menores, já que era grande o número de agregadas solteiras e viúvas com filhos, muitas vezes ilegítimos⁽²⁴⁾. A explicação para o fenômeno das solteiras e viúvas com filhos está na estrutura social da época, dadas as dificuldades dos casamentos, os costumes e a situação social e cultural da mulher⁽²⁵⁾. Mesmo os casamentos com homens pobres

eram desencorajados pelas dificuldades burocráticas, problemas de dote e das despesas religiosas necessárias à celebração do matrimônio. É numeroso, portanto, o grupo de mulheres solteiras e viúvas que se agregavam com seus filhos junto às famílias locais ou viviam maritalmente com homens solteiros, que algumas vezes lhes proviam o sustento. Muitas delas gozavam de situação privilegiada — moravam com parentes ou amigos, contavam com certas posses e bom número de escravos. Notamos, porém, que a maior parte das agregadas procurava segurança junto a pessoas da família que apresentavam melhores condições econômicas, ou seja, quando eram donos de terras ou de um pequeno negócio.

A falta de indicações, nos censos, do grau de parentesco entre os componentes do fogo dificulta a determinação exata deste último tipo de relação. Mas, de forma geral, eram filhas solteiras ou viúvas, irmãs, sobrinhas ou mães do casal chefe. Tanto a mulher do proprietário como os agregados vinham arrolados nos recenseamentos apenas com o nome de batismo, o que dificulta a análise a esse respeito.

Nos fogos em que as mulheres eram os chefes da família (por viuvez ou mesmo quando solteiras) também era grande a incidência de agregados. Na primeira Companhia de Ordenanças do Censo de 1818, 22 das 39 famílias que tinham agregados eram comandadas por mulheres, sendo que 6 delas viviam de fiar, 5 dos jornais de seus escravos, 1 de suas agências, 2 de negócios e 8 de costuras. Doze delas tinham apenas agregadas que ajudavam nos serviços, 7 somente agregados e 3 contavam com agregados de ambos os sexos.

Na sociedade ituana da época, apesar da força de trabalho estar baseada no elemento masculino, eram muitas as mulheres que, com a ajuda de seus agregados ou agregadas, dirigiam propriedades, negócios ou viviam das rendas de um ofício. O número de senhoras de engenho, lavradores, negociantes

(23) MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884); contribuição ao estudo da Assistência Social no Brasil*. São Paulo. 1972, p. 239. Tese de doutoramento.

(24) A respeito do grande número de mulheres solteiras e dos filhos bastardos criados pela caridade pública ou privada, ver o estudo de Laima Mesgravis indicado na nota anterior.

(25) Sobre o tema vide MESGRAVIS, Laima *op. cit.*, *passim*.

COMUNICAÇÃO

tes, costureiras, louceiras, agenciadoras, tecelãs e rendeiras é representativo numa estrutura social em que não se admitia que trabalhassem fora de suas casas e na qual os homens livres e pobres tinham poucas opções de emprego.

Apesar do exemplos relatados, é muito difícil caracterizar com precisão o papel econômico desempenhado pelas agregadas, devido à carência de informações nos recenseamentos, muito incompletos a este respeito. Mas, de maneira geral, podemos concluir que apareciam dentro das seguintes categorias:

Area rural: parentes (filhas, irmãs, mães, tias, sobrinhas), protegidas, crias da casa, damas de companhia, dependentes, empregadas em serviços domésticos e lavradoras.

Area urbana: parentes (idem), protegidas, dependentes, damas de companhia, crias da casa, amasiadas, auxiliares, empregadas nos serviços da casa, louceiras, costureiras, rendeiras, tecelãs e fiandeiras.

As ocupações dos agregados são bem mais complexas que as das agregadas, assim como suas relações de dependência. Embora menos numerosos, suas opções de trabalho eram bem mais diversificadas se comparadas às das primeiras. Além da atividade de base econômica, muitos ocupavam postos militares, estes últimos representavam fator indicativo das distinções dentro do grupo, no qual os agregados se distribuíam desde os postos de tenente e alferes até o de simples soldado miliciano.

Os dados que computamos nos recenseamentos permitem-nos concluir pela já afirmada heterogeneidade que caracteriza essa camada, proveniente de vários fatores, dentre os quais destacamos as relações mantidas pelos agregados com as famílias que os abrigavam. Interferia também na sua condição social o nível da família que os recebia, já que era pelos canais de adoção e proteção que se dava a ascensão social do indivíduo

nessa estrutura. Era costume entre os antigos ituanos criarem crianças, de ambos os sexos, para educar ou se ocuparem de pequenos serviços. Meninos e meninas, agregados da casa, tinham oportunidade de mobilidade social por meio de uma boa educação, como podiam permanecer ajudando o dono da casa em sua profissão.

As necessidades de ajustamento e proteção desses indivíduos, tanto adultos como crianças, os levava a constituir um grupo de dependentes, muito comum na periferia da família patriarcal. Desse modo, na área rural por exemplo, muito naturalmente confluíam os objetivos do fazendeiro, de garantir a posse do seu chão, e os propósitos do agregado, que procurava manter a sua permissão para usá-lo. Para o agregado capanga ou "morador de favor" nesse sistema de contraprestação de serviços, "algumas facadas ocasionais não vinham constituir nenhuma sobrecarga"⁽²⁶⁾. Muitos apenas anexavam a violência às suas atividades cotidianas, mas outros faziam disso um ofício, que lhes dava segurança e prestígio junto ao poderoso senhor de engenho. É curioso, porém, observar que essa situação de dependência, característica da maior parte desses indivíduos, muitas vezes apresenta uma condição inversa, ou seja, o agregado, apesar de constar como dependente, representa a base econômica da casa, provendo com seu trabalho o sustento de toda uma família.

Os agregados também podiam possuir um negócio independente e diferente do proprietário do fogo. Inúmeros são os exemplos como o de Antonio José da Motta, boticário e agregado ao negociante José Bernardo da Motta⁽²⁷⁾.

Na maior parte dos fogos em que encontramos agregados, estes eram utilizados co-

(26) FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *op. cit.* p. 151.

(27) DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Maços de População de Itu (MSS), 1829, lata 79.*

mo mão-de-obra para os mais diversos tipos de serviços. A falta de escravos ao final do século XVIII e o início da agricultura comercial, que ampliou o campo de trabalho na região de Itu, deve ter ativado este processo. Por outro lado, às vezes é difícil explicar, a partir de uma perspectiva estritamente econômica, sua presença junto a famílias para os quais provavelmente representavam mais despesas do que ganhos. São numerosos os casos de agregados doentes (cegos, papudos, aleijados e mudos) que viviam da caridade de famílias que muitas vezes enfrentavam sérias dificuldades com seu próprio sustento.

Resumindo o que foi relatado até aqui, vamos apresentar também para os homens, como já fizemos para as mulheres, um quadro geral das categorias em que aparecem nos censos e nas quais podem ser incluídos:

Area rural: parente, amigo, protegido, capanga, feitor, morador de favor, dependente, lavrador, jornaleiro, camarada, "vive de seu trabalho", "planta para sua subsistência", "vive de seus serviços", auxiliar de tropeiro, dono de uma parte da produção (isso não implicava que possuísse terra).

Area urbana: parente, amigo, protegido, dependente, ferreiro, alfaiate, auxiliar de alfaiate, auxiliar de ofício, ajudante, sapateiro, dono de uma parte de um negócio, barbeiro, negociante, boticário, mendigo, vadio, cirurgião, jornaleiro, agenciador e padre.

Numericamente, temos a seguinte lista, que indica, também, os postos que ocupavam nos regimentos militares. Apesar de incompleta pela falta de dados nos censos de população, dá-nos melhor idéia da composição numérica do grupo, em termos de serviços e postos militares que ocupavam (estão aí excluídas as relações de dependência, perceptíveis numa análise mais pormenorizada da documentação).

1803: 2 soldados auxiliares e lavradores, 1 tambor de sertanejos, 1 tenente, 2 soldados de regimento dos Úteis, 3 soldados sertanejos.

1809: 1 reverendo, um que "vive de seus serviços" 1 feitor e soldado miliciano, 2 cabos de Úteis, 1 soldado de Dragões, 1 tenente reformado do 10.o Regimento de Infantaria, 1 furriel de sertanejos, 2 soldados de Úteis, 1 tambor de milícia, 6 milicianos e 5 soldados de sertanejos.

1813: 1 ferreiro e soldado sertanejo, 1 jornaleiro, 1 alfaiate e soldado miliciano, 1 cirurgião, 2 tambores de sertanejos, 3 soldados dos Úteis, 1 soldado de Dragões, 1 tenente, 1 miliciano, 3 soldados e 2 soldados de sertanejos.

1818: 1 camarada, 1 soldado miliciano, 1 soldado, 1 soldado de Dragões e 1 soldado de sertanejos.

1822: 1 sapateiro, 1 auxiliar de carpinteiro, 1 família que "vivia de seu trabalho" 1 família que "vivia de suas lavouras". 1 soldado dos Úteis, 1 soldado da cavalaria, 2 soldados de sertanejos, 1 tambor, 5 milicianos, 1 alferes, 1 trombeta de cavalaria e 1 soldado.

1829: 1 negociante, 1 boticário, 1 alfaiate, 4 mendigos, 1 miliciano mendigante e 1 miliciano de sertanejos.

O quadro da complexidade do grupo de agregados, que tentamos reconstituir, tem na sua base a grande propriedade monocultora escravocrata, responsável pela existência, até certo ponto contraditória, desses indivíduos.

Como verificamos, a organização dessa camada edificou-se sobre bases pouco estáveis, tanto em termos de ajustamento social como em oportunidades de trabalho. Sua

COMUNICAÇÃO

adequação ou ajustamento ao contexto sócio-econômico dependia dos diferentes tipos de relações que mantinham com o dono da casa. Em consequência disso, assumiam diversas posições, tanto na periferia da família patriarcal como na sociedade. Como parentes ou amigos de proprietário, pareciam gozar de situação privilegiada em relação aos demais e na maior parte dos casos tinham melhores condições econômicas, uma ocupação definida e seus próprios escravos; quando casados, as famílias mostravam-se organizadas à semelhança do tipo de família prevalecente nas camadas superiores. Outras famílias, de vínculos ocupacionais duradouros ou esporádicos, eram mais pobres e mudavam-se com facilidade. Isto provocava a desunião familiar, os casamentos ilegais ou mesmo a falta de matrimônio, já que parecia ser mais fácil a sua aceitação junto aos fogos quando solteiros.

Como formavam um grupo de dependentes, as condições das famílias dos proprie-

tários que os recebiam interferiam em sua situação, já que os fogos mais ricos podiam oferecer melhores oportunidades para a mobilidade vertical e a estabilidade.

Além disso, as dificuldades de colocação na sociedade escravocrata, na qual grande parte das ocupações estava entregue aos escravos, condicionaram quase toda a camada de agregados a existir como grupo flutuante e instável, que se mudava com frequência em busca do serviço ou da proteção dos mais diferentes tipos de unidades familiares.

Apesar da presença da escravidão, que ao lado da economia mercantil expropriou os agregados da terra e das atividades economicamente mais importantes, podemos ver que não houve uma marginalização total desses elementos, que de uma forma indireta contribuíam para a sustentação do sistema.